

*Cantífula de Castro\**

## **A Interseção entre Guerra e Paz na Mídia Moçambicana: Cobertura de Conflitos e Estratégias de Promoção da Paz**

### **RESUMO**

O estudo “A Interseção entre Guerra e Paz na Mídia Moçambicana: Cobertura de Conflitos e Estratégias de Promoção da Paz” analisa a forma como a mídia em Moçambique retrata situações de conflito e as estratégias aplicadas para promover a paz. A pesquisa qualitativa baseia-se numa revisão sistemática de literatura que abrange desde a Guerra de Independência até conflitos mais recentes, como o terrorismo em Cabo Delgado. O foco está em identificar as narrativas predominantes e os enquadramentos jornalísticos utilizados durante esses períodos. Além disso, investiga-se o impacto dessas coberturas sobre a opinião pública e a dinâmica social, explorando a relação entre a mídia e a amplificação ou redução das tensões sociais. Por fim, o estudo avalia campanhas de comunicação e iniciativas midiáticas de reconciliação, verificando a eficácia dessas estratégias na promoção de uma cultura de paz. A pesquisa conclui que a mídia tem um papel decisivo tanto na escalada de conflitos quanto na construção da paz, dependendo das técnicas narrativas e dos valores éticos aplicados pelos profissionais de comunicação.

**Palavras-chave:** Mídia Moçambicana; Cobertura de Conflitos; Promoção da Paz; Narrativas Jornalísticas; Reconciliação.

### **ABSTRACT**

The study "The Intersection between War and Peace in Mozambican Media: Conflict Coverage and Peace Promotion Strategies" examines how the Mozambican media covers conflicts and the strategies used to promote peace. This qualitative research is based on a systematic literature review, focusing on conflicts ranging from the Independence War to the recent terrorism in Cabo Delgado. It aims to identify the dominant narratives and journalistic framings used during these conflict periods. Furthermore, the study explores the impact of media coverage on public opinion and social dynamics, analyzing the relationship between media reporting and the escalation or de-escalation of social tensions. Finally, it evaluates media campaigns and communication initiatives aimed at reconciliation, assessing the effectiveness of these strategies in promoting a culture of peace in Mozambique. The research concludes that media plays a pivotal role in either exacerbating conflicts or fostering peace, depending on the narrative techniques and ethical principles applied by communication professionals.

**Keywords in English:** Mozambican Media; Conflict Coverage; Peace Promotion; Journalistic Narratives; Reconciliation.

### **1. Introdução**

A relação entre a mídia e os conflitos sociais é um tema central nas discussões contemporâneas sobre comunicação, especialmente em países com uma história marcada por conflitos armados e tensões sociais, como Moçambique. A mídia não apenas informa, mas desempenha um papel decisivo na construção de narrativas, moldando percepções e influenciando tanto a opinião

pública quanto a dinâmica social e política (McGoldrick & Lynch, 2016). A cobertura de conflitos em Moçambique, desde a Guerra de Independência até o terrorismo em Cabo Delgado, revela uma tendência a narrativas polarizadoras que, em muitos casos, exacerbam divisões sociais. Esta realidade torna urgente uma análise crítica sobre o papel da mídia na interseção entre guerra e paz, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de promover a reconciliação em um contexto de reconstrução pós-conflito.

Desde a independência em 1975, Moçambique enfrentou conflitos significativos que impactaram profundamente a sociedade. A Guerra Civil Moçambicana (1977-1992) e os recentes conflitos insurgentes em Cabo Delgado são exemplos de como a violência moldou a história política e social do país. Nesse contexto, a mídia tem sido uma força poderosa na moldagem da narrativa nacional. No entanto, segundo Campos (2013), há um padrão recorrente de cobertura midiática que enfatiza o sensacionalismo, favorecendo a perpetuação de narrativas de conflito em detrimento de uma análise mais profunda das causas e dinâmicas dos eventos. Assim, o papel da mídia moçambicana não se limita à informação, mas estende-se à construção e perpetuação de percepções sobre a guerra e a paz.

Os objetivos deste estudo consistem em analisar como a mídia moçambicana aborda os conflitos e as estratégias que utiliza para promover a paz. Para alcançar este propósito, os objetivos específicos são: identificar as principais narrativas empregadas na cobertura dos conflitos, avaliar o impacto dessas narrativas na opinião pública e na dinâmica social, e examinar campanhas midiáticas direcionadas à promoção da paz.

A análise da interseção entre guerra e paz na mídia moçambicana é de extrema importância, pois a forma como os conflitos são apresentados influencia diretamente sua interpretação e resolução. De acordo com Júnior et al., 2020, a teoria da *agenda-setting* continua a ser um instrumento teórico relevante para compreender como a mídia define prioridades sociais, o que é particularmente crítico em um país como Moçambique, onde o papel da mídia na manutenção da paz é essencial para a estabilidade social. A partir de uma perspectiva de comunicação para a paz, (McGoldrick & Lynch, 2016) propõem que a mídia pode ser um agente ativo na construção da paz, ao invés de apenas disseminar informações sensacionalistas. No contexto moçambicano, a análise dessas questões se torna ainda mais relevante, uma vez que as estratégias jornalísticas podem impactar diretamente o sucesso de iniciativas de reconciliação e coesão social num país que continua a lidar com as consequências de conflitos prolongados.

Este estudo busca responder à seguinte questão: Como a mídia moçambicana tem abordado a interseção entre guerra e paz na cobertura de conflitos, e de que maneira suas estratégias podem contribuir para a promoção da paz no país? A relevância dessa investigação está em entender como as narrativas midiáticas influenciam a percepção pública sobre o conflito e a paz, especialmente em um contexto onde a mídia tem o poder de atuar como agente de transformação social. Estudos recentes indicam que a cobertura jornalística de conflitos em Moçambique tende a subestimar as estratégias de paz, favorecendo uma abordagem mais centrada no conflito, o que revela uma lacuna significativa na literatura (Campos, 2013; Júnior et al., 2020).

Ao tratar da mídia como mediadora entre a guerra e a paz, McGoldrick e Lynch (2016) e Campos (2013) discutem o conceito de *media framing* e seu impacto na percepção pública dos conflitos. Esses autores destacam que a mídia frequentemente adota enquadramentos que reforçam a polarização social e política, dificultando os processos de reconciliação. A teoria da *agenda-setting*, inicialmente proposta por McCombs e Shaw, tem sido revisitada por autores como Júnior et al. (2020), que analisam como a mídia define o que é prioritário no discurso público, especialmente em situações de conflito.

Além disso, a literatura recente destaca o conceito de jornalismo para a paz como uma abordagem alternativa que visa promover a resolução de conflitos através da mídia. No contexto moçambicano, onde os conflitos históricos continuam a afetar a sociedade, explorar como a mídia pode adotar uma postura mais proativa na promoção da paz é essencial para compreender seu papel na transformação social. Este estudo, portanto, visa preencher lacunas na literatura sobre a cobertura midiática de conflitos e estratégias de promoção da paz em países em desenvolvimento, com foco particular em Moçambique.

A relevância acadêmica e prática deste estudo reside em sua capacidade de fornecer uma análise crítica e sistemática da função da mídia num contexto de conflito, propondo formas de aprimorar o papel da mídia na promoção da paz.

## **2. Teorias da Comunicação em Contextos de Conflito**

Os conceitos de guerra e paz, analisados por diversos autores, revelam sua complexidade multidimensional. (Galtung, 1998b) define a guerra não apenas como conflito armado entre grupos ou nações, mas como um fenômeno social e cultural, no qual estruturas de poder e violência exercem um papel central. O autor argumenta que a guerra também envolve formas

de opressão que impedem o desenvolvimento humano, mesmo em contextos sem violência física direta. Em contraste, a paz, segundo Galtung (1998), vai além da ausência de guerra, sendo caracterizada por justiça social e equidade, aspectos fundamentais para o florescimento humano.

Complementarmente, Tilly (2010) argumenta que a guerra, historicamente, tem sido usada como ferramenta de consolidação de poder pelos estados, sendo um mecanismo deliberado de controle social e político. A análise de Tilly é essencial para entender como governos e atores políticos podem manipular a mídia para justificar conflitos e moldar a opinião pública, perpetuando a legitimidade de ações militares.

Por outro lado, no campo da comunicação, Chouliaraki (2006) destaca o impacto das narrativas midiáticas sobre as percepções públicas em tempos de guerra e paz. Ela mostra como a mídia constrói representações de vítimas e agressores, frequentemente simplificando ou distorcendo a complexidade dos conflitos. Ao selecionar aspectos específicos dos eventos e amplificar certas vozes, a mídia desempenha um papel decisivo na formação das narrativas que moldam a opinião pública sobre conflitos e processos de paz.

Howard (2015), por sua vez, reforça a ideia de que os jornalistas em zonas de conflito possuem uma responsabilidade ética crítica de reportar de forma a promover a compreensão e a resolução pacífica, em vez de sensacionalizar a violência ou reforçar estereótipos negativos. Isso evidencia o poder dos jornalistas na mediação entre as facções e na construção de uma narrativa que favoreça a reconciliação.

É nesta senda que aparecem as Teorias da Comunicação em Contextos de Conflito para explorar como a mídia influencia e molda as percepções públicas durante situações de tensão, violência e processos de paz.

A teoria da *agenda-setting*, formulada por McCombs & Shaw (1972), sugere que a mídia não apenas informa o público, mas também influencia a importância atribuída a certos temas na opinião pública. No contexto dos conflitos em Moçambique, como em Cabo Delgado, a mídia tem o poder de definir prioridades no que diz respeito à cobertura dos conflitos, moldando, assim, a percepção dos eventos. Complementarmente, a teoria do enquadramento (*framing*), de (Entman, 1993), destaca que os meios de comunicação moldam a interpretação dos eventos ao enfatizarem certos aspectos da realidade, determinando quais questões ganham destaque e, conseqüentemente, influenciando o entendimento público.

No contexto moçambicano, a aplicação dessas teorias demonstra que a mídia tem sido um agente ativo na construção de narrativas de guerra e paz. Ao decidir quais aspectos dos conflitos enfatizar — seja a violência ou as tentativas de pacificação —, a mídia influencia a percepção do público e das políticas adotadas em resposta ao conflito. Assim, ao destacar certos temas como essenciais e marginalizar outros, a mídia não apenas informa, mas molda a opinião pública de forma estratégica, definindo quem são os heróis, vilões e as causas e soluções dos conflitos. Esta realidade, refletindo a trajetória política e social do país desde a independência em 1975, marcada por guerra, transição política e esforços de construção da paz. Um aspecto central dessa evolução é a relação entre a mídia e o poder político. (Chichava & Pohlmann, 2010) destacam que a mídia moçambicana tem sido historicamente influenciada pelos interesses estatais, com uma forte presença de órgãos de comunicação governamentais, como a Rádio Moçambique e o jornal *Notícias*, que desempenharam papéis terminantes na disseminação de informações oficiais e na construção da narrativa nacional. Mesmo com as reformas e a Constituição dos anos 1990, o controle estatal ainda afeta a independência editorial e a pluralidade de vozes no setor.

Durante a Guerra Civil Moçambicana (1976-1992) e em conflitos mais recentes, como em Cabo Delgado, a mídia exerceu um papel fundamental na moldagem das percepções públicas Forquilha & Pereira (2020). Durante a guerra civil, a mídia estatal foi amplamente utilizada como ferramenta de propaganda pelo governo da FRELIMO, retratando a RENAMO como inimiga da paz e mobilizando apoio ao governo. Essa estratégia contribuiu para a polarização social e a manutenção do conflito.

Nos conflitos em Cabo Delgado, a mídia enfrenta novos desafios. A cobertura do conflito é marcada por restrições no acesso à informação, censura e intimidação de jornalistas, o que compromete a independência da cobertura. As narrativas sobre o conflito variam entre a ênfase na ameaça terrorista e a discussão das causas socioeconómicas subjacentes, evidenciando a necessidade de uma cobertura equilibrada e crítica para promover a paz e a compreensão do conflito.

Críticas de órgãos como DW África, VOA Português e ONU News apontam para o controle governamental sobre a narrativa. Meios estatais como TVM, Rádio Moçambique e *Notícias* priorizam versões oficiais, muitas vezes triunfalistas, destacando avanços das Forças de Defesa e Segurança (FDS) enquanto omitem novos ataques. Ou seja, a cobertura do conflito é predominantemente governamental e os repórteres em Cabo Delgado enfrentam insegurança ao trabalhar fora das missões oficiais, comprometendo a liberdade de imprensa. Embora

agências internacionais e organismos como as Nações Unidas contribuam com informações, a transparência permanece limitada, e a mídia local continua refém de narrativas controladas, restringindo uma visão crítica e imparcial do conflito.

Gerbner & Gross (2019) desenvolveram a Teoria do Cultivo para explicar o impacto a longo prazo da exposição prolongada à mídia. Em contextos de conflito, essa teoria é essencial, pois sugere que a repetição contínua de imagens e narrativas violentas pode levar à normalização da violência no imaginário coletivo. No caso de Moçambique, a mídia, ao repetir coberturas sobre os ataques em Cabo Delgado, pode acabar por naturalizar a ideia de violência, enquanto uma narrativa focada em soluções pacíficas pode promover uma cultura de paz. Na óptica de Gerbner, as narrativas midiáticas têm o poder de alterar a percepção pública ao longo do tempo, transformando a violência em algo normalizado ou, alternativamente, criando um cenário de esperança e resolução pacífica.

A responsabilidade ética dos jornalistas em tempos de conflito é outro eixo de destaque na literatura. O conceito de "jornalismo de paz", promovido por Lynch & McGoldrick (2013), denota que os jornalistas devem ir além da simples cobertura de eventos violentos, enfocando as causas subjacentes dos conflitos e explorando soluções pacíficas. O jornalismo de paz não apenas relata os fatos, mas também promove o diálogo e a reconciliação entre as partes em conflito, sendo, assim, uma ferramenta basilar para a promoção da paz.

A capacitação dos jornalistas é essencial para uma cobertura responsável dos conflitos. Os jornalistas devem adotar práticas que promovam a paz, evitando o sensacionalismo e a propagação de informações não verificadas (Wolfsfeld, 2004), pois a mídia tem o potencial de sustentar tanto a violência quanto a paz, dependendo da narrativa adotada. A construção de narrativas de paz requer um esforço consciente por parte dos jornalistas e das organizações de mídia.

As novas mídias e redes sociais também desempenham um papel crescente em contextos de conflito. Castells (2011) observa que as redes sociais permitem uma comunicação rápida e direta entre os atores envolvidos, transformando a dinâmica dos conflitos. As redes sociais podem ser usadas tanto para mobilizar a violência quanto para promover a paz, dependendo de como as narrativas são construídas e disseminadas. Em Moçambique, as redes sociais têm sido uma ferramenta poderosa para a difusão de informações sobre os conflitos em Cabo Delgado, mas também para a mobilização de iniciativas de paz. Com efeito, urge a necessidade de alfabetização midiática em tempos de conflito, capacitando o público a discernir informações

confiáveis e a evitar a manipulação por parte dos meios de comunicação (Nunes et al., 2020) e (Vieira, 2024). Em contextos de alta polarização, como o de Moçambique, a promoção de uma audiência crítica e informada é capital para a construção de uma paz sustentável.

### **3. Jornalismo para a Paz**

O jornalismo para a paz tem emergido no campo da comunicação e dos estudos de mídia, particularmente em contextos de conflitos e violência.

O conceito de jornalismo para a paz foi introduzido por Galtung (1998a), que sugeriu que os meios de comunicação devem transcender a simples cobertura dos conflitos, focando-se em soluções construtivas. Galtung propôs uma distinção entre o jornalismo de guerra e o jornalismo de paz. O primeiro exacerba as tensões ao retratar o conflito de forma sensacionalista, enquanto o segundo busca criar condições para o diálogo e a resolução pacífica. O jornalismo para a paz deve ser proativo e investigar as causas estruturais dos conflitos, promovendo o entendimento mútuo e a cooperação entre as partes em conflito (Lynch e McGoldrick, 2013).

Apesar dos desafios, há iniciativas de jornalismo de paz em Moçambique que buscam promover a reconciliação e a construção da paz. Howard & Rolt (2006) discutem a implementação de programas de treinamento para jornalistas em técnicas de jornalismo de paz, com o objetivo de capacitar os profissionais de mídia a cobrir conflitos de maneira mais equilibrada e construtiva. Esses programas destacam a importância de evitar a linguagem inflamatória, de fornecer contextos históricos e sociais para os conflitos, e de destacar as vozes e as iniciativas de paz.

Além disso, organizações não governamentais e instituições de mídia têm desenvolvido projetos de mídia comunitária, que visam empoderar as comunidades locais e promover o diálogo intercultural. Essas iniciativas têm o potencial de transformar a maneira como os conflitos são compreendidos e abordados, ao dar voz às comunidades afetadas e ao promover narrativas de paz e cooperação.

Por seu turno, Lederach (1997) desenvolveu a Teoria da Transformação de Conflitos, que envolve mudanças em três níveis: pessoal (mudanças nos indivíduos envolvidos), relacional (melhoria das relações entre as partes em conflito) e estrutural (alterações nas estruturas sociais e políticas que perpetuam o conflito). Essa abordagem é particularmente relevante para contextos como Moçambique, onde os conflitos têm raízes profundas em questões sociais,

económicas e políticas. Lederach também insiste na importância da participação das comunidades locais no processo de construção da paz, argumentando que soluções duradouras devem emergir de dentro da sociedade afetada pelo conflito. Daí a pertinência da criação de "infraestruturas para a paz", que incluem redes de líderes comunitários, instituições locais e práticas culturais que promovem a resolução pacífica de disputas.

Além disso, a Teoria da Paz Positiva de Galtung (1998b) diferencia a paz negativa, caracterizada pela ausência de violência direta, da paz positiva, que envolve justiça social e equidade. Para Galtung, a mídia desempenha um papel vital ao promover histórias de sucesso e iniciativas de paz que podem desafiar as narrativas dominantes focadas no conflito.

Nos últimos dez anos, o crescimento das mídias digitais e redes sociais tem redefinido o papel do jornalismo em conflitos. Importa saber também que a desinformação e a propaganda digital também podem exacerbar tensões, tornando essencial a alfabetização midiática (Amado, 2024).

Em Moçambique, o uso de plataformas como Facebook e WhatsApp tornou-se um fenómeno social e político relevante, especialmente em momentos de crise. A literatura sugere que, apesar do potencial de mobilização, esses espaços também são usados para disseminar informações inflamadas e, muitas vezes, incorretas. O desafio do jornalismo moderno, então, é equilibrar o uso das mídias sociais como ferramentas para a paz, ao mesmo tempo em que se combate a desinformação.

Torna-se imperioso desenvolver programas de treinamento para jornalistas visando capacitá-los em técnicas que evitem a linguagem inflamatória e promovam uma compreensão mais profunda das raízes dos conflitos (Howard e Rolt, 2006). A literatura indica que o treinamento em jornalismo de paz tem sido eficaz em proporcionar novas perspectivas, mas desafios como a falta de recursos e a pressão económica sobre as redações muitas vezes limitam sua implementação total.

#### **4. A Mídia como Ferramenta de Construção da Paz**

Nos últimos anos, o estudo do papel da mídia na promoção da paz tem ganhado crescente atenção, especialmente em contextos de pós-conflito e reconciliação.

A teoria da Comunicação para a Paz, conforme descrita por Howard (2015) foi expandida ao longo da última década com novos estudos que exploram o impacto da mídia em contextos de



conflito. Essa abordagem se baseia na ideia de que a comunicação estratégica, incluindo a mídia de massa e comunitária, pode ser utilizada para facilitar o diálogo, promover a reconciliação e sensibilizar as populações para questões de justiça e reparação.

A mídia tem o potencial de transformar narrativas de conflito ao focar em soluções pacíficas e não violentas (Wolfsfeld, 2018). Ao invés de promover discursos acesos ou sensacionalistas, a mídia pode narrar histórias de reconciliação e cooperação, oferecendo uma plataforma para iniciativas de paz. Este papel é particularmente importante em contextos como o de Moçambique, onde a mídia local, apesar de desafios económicos e políticos, tem se mostrado capaz de apoiar processos de paz e reconciliação através de programas comunitários e campanhas de sensibilização sobre a violência armada no norte do país. Nesse sentido, é importante promover campanhas que utilizam a mídia para promover uma cobertura mais construtiva de conflitos. Em Moçambique, exemplos de rádio comunitária têm sido apontados como instrumentos valiosos para a educação e para a promoção de narrativas positivas em zonas afetadas por conflitos.

A mídia deve ser um espaço democrático e inclusivo, oferecendo voz a grupos tradicionalmente marginalizados e facilitando o debate público sobre temas sensíveis, como conflitos e reconciliação. O jornalismo pode ser transformado em um veículo para a paz ao oferecer uma plataforma para discussões inclusivas e equilibradas (McGoldrick & Lynch, 2016). A mídia deve incentivar uma escuta ativa entre os diferentes grupos de uma sociedade em conflito, criando oportunidades para que todos os lados expressem suas preocupações e visões de maneira construtiva.

No contexto moçambicano, essa abordagem é especialmente relevante. A mídia pode desempenhar um papel importante ao abrir espaço para o diálogo entre as partes envolvidas no conflito no norte do país, permitindo que vozes de diferentes grupos étnicos e religiosos sejam ouvidas. A cobertura jornalística em áreas de conflito pode ser melhorada ao oferecer espaço para narrativas alternativas, em vez de apenas se concentrar em discursos polarizados ou centrados na violência.

Entretanto, as teorias discutidas não operam de forma isolada, mas interagem de maneira complexa para moldar o papel da mídia na promoção da paz. A comunicação para a paz e a criação de espaços públicos inclusivos são processos interdependentes, que reforçam o potencial transformador da mídia em contextos de conflito. De acordo com Fortner & Fackler

(2017), a mídia tem uma responsabilidade ética de não apenas reportar eventos, mas também de contribuir ativamente para a promoção da paz e da reconciliação.

A mídia pode atuar tanto como uma força exacerbadora de conflitos quanto como um catalisador para a paz, dependendo de como as narrativas são construídas e disseminadas. Um exemplo prático dessa interação pode ser visto no uso de mídias digitais e plataformas sociais em Moçambique. Conforme analisado por Howard et al. (2021), a crescente penetração da internet e das redes sociais oferece novas oportunidades para a criação de diálogos interculturais e intercomunitários. No entanto, as mesmas plataformas também apresentam riscos de disseminação de desinformação e discursos de ódio, o que sublinha a importância de uma alfabetização midiática robusta.

## **5. Metodologia**

Para desenvolver um estudo sobre o tema “*A Interseção Entre Guerra e Paz na Mídia Moçambicana: Cobertura de Conflitos e Estratégias de Promoção da Paz*” optou-se pela pesquisa qualitativa baseada na revisão sistemática de literatura.

O primeiro passo envolveu a definição da questão de pesquisa, que orientou todo o estudo: *Como a mídia moçambicana tem abordado a interseção entre guerra e paz, e quais estratégias de promoção da paz podem ser identificadas na cobertura dos conflitos?* Esta questão foi terminante para delimitar o escopo da investigação e garantir a relevância dos dados analisados.

De seguida, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão dos estudos a serem analisados. Trabalhos publicados entre 2010 e 2023, em português e inglês, que tratassem da cobertura midiática de conflitos em Moçambique ou de temas relacionados à promoção da paz em contextos semelhantes foram incluídos. Estudos não focados na mídia ou que abordassem conflitos fora do contexto moçambicano foram excluídos.

A busca por fontes foi realizada em bases de dados académicas, como Google Scholar, Scopus e SciELO, além de publicações especializadas em ciências da comunicação e estudos de paz e conflito. Foram utilizados termos como *mídia e guerra em Moçambique*, *cobertura de conflitos em Cabo Delgado* e *promoção da paz pela mídia* para identificar materiais relevantes. Além disso, relatórios de organizações internacionais e de ONGs locais também foram consultados para complementar a análise com dados recentes sobre a situação em Cabo Delgado.

Com o material selecionado, foi realizada uma análise crítica e sistemática da literatura, categorizando os estudos em três grandes áreas: (i) o papel da mídia estatal e privada durante os conflitos, (ii) as narrativas dominantes sobre guerra e paz, e (iii) as estratégias de promoção da paz. Estudos de autores como Galtung (1969), que introduz o conceito de paz positiva, foram essenciais para explorar como a mídia pode ir além da simples cobertura de cessar-fogos e contribuir para a justiça social e a reconciliação nacional.

Posteriormente, os dados foram sintetizados de forma a identificar padrões e lacunas na cobertura midiática dos conflitos em Moçambique. A interpretação dos resultados focou na forma como a mídia pode tanto intensificar o conflito quanto promover a reconciliação, dependendo das narrativas que escolhe privilegiar. Esta análise crítica revelou a importância de uma cobertura mais equilibrada e ética, especialmente num contexto em que o controle estatal sobre a mídia e a intimidação de jornalistas são problemas persistentes.

A discussão dos resultados centrou-se na comparação entre os dados obtidos e as teorias de comunicação aplicadas a contextos de conflito. A pesquisa sublinhou as limitações da mídia moçambicana, sobretudo no que se refere à falta de independência editorial e à cobertura limitada dos conflitos em Cabo Delgado. No entanto, apontou-se também para o papel potencialmente construtivo da mídia na promoção da paz, caso esta se comprometa com uma abordagem mais pluralista e comprometida com os valores de justiça e reconciliação.

Por fim, a conclusão da pesquisa reforçou a importância de uma mídia mais proativa na promoção da paz em Moçambique. Sugere-se que a mídia não se limite a relatar os conflitos, mas que também atue como um agente de mudança, promovendo o diálogo e o entendimento entre as diferentes partes envolvidas.

## **6. Conclusão**

A pesquisa sobre a interseção entre guerra e paz na mídia moçambicana, com foco na cobertura de conflitos e nas estratégias de promoção da paz, apresentou achados importantes, contribuições significativas e também algumas limitações que devem ser reconhecidas. Os resultados indicam que a cobertura jornalística dos conflitos em Cabo Delgado enfrenta graves desafios, como a censura, a intimidação de jornalistas e o controle do governo sobre o acesso à informação. A mídia moçambicana, especialmente os veículos estatais, tem sido predominantemente marcada pela reprodução da narrativa oficial do governo, com ênfase nos avanços das Forças de Defesa e Segurança e na reconstrução das áreas afetadas. Entretanto,

essa cobertura tem sido limitada em termos de pluralidade e crítica, deixando de lado questões fundamentais relacionadas às causas socioeconómicas do conflito e às perspectivas das comunidades locais.

Apesar dessas limitações, o estudo oferece contribuições importantes tanto para o campo académico quanto para as práticas jornalísticas. Academicamente, ele amplia a discussão sobre a relação entre mídia, conflitos armados e processos de paz, destacando a importância de uma abordagem mais crítica e inclusiva em contextos como Moçambique e outros países em desenvolvimento. No campo prático, a pesquisa reforça o potencial da mídia como ferramenta para a promoção da paz, desde que esta se comprometa a oferecer uma cobertura mais equilibrada e plural. Os jornalistas, nesse sentido, têm a responsabilidade de incluir diversas vozes, especialmente as das comunidades diretamente afetadas pelos conflitos, o que poderia promover um maior entendimento público sobre as complexidades da guerra e as possíveis soluções pacíficas.

O estudo também reconhece suas limitações. A dependência de dados secundários e a dificuldade de acessar informações imparciais e detalhadas sobre o conflito em Cabo Delgado impuseram restrições à profundidade da análise. Além disso, o controle governamental sobre as informações disponíveis e a intimidação de jornalistas limitam a capacidade da mídia de oferecer uma cobertura independente e equilibrada. A escassez de estudos específicos sobre a relação entre mídia e conflitos em Moçambique também constitui um obstáculo à investigação mais abrangente.

Diante desses desafios, há um caminho promissor para futuras pesquisas. Estudos empíricos que envolvam diretamente jornalistas, comunidades afetadas e outros atores relevantes poderiam fornecer uma visão mais profunda sobre as dinâmicas de produção de notícias em zonas de conflito. Além disso, seria relevante investigar como as rádios comunitárias e outros meios de comunicação locais podem desempenhar um papel mais ativo na promoção de uma cobertura mais diversificada e contextualizada dos conflitos, ajudando assim a construir uma narrativa mais ampla e inclusiva que contribua para a paz em Moçambique.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, M. A. N. (2024). *Algoritmocracia: Utopia, Distopia e Ucronia*. Editora Dialética.
- CAMPOS, L. A. de S. C. (2013). *Enquadrando a esfera pública: a controvérsia das cotas raciais na imprensa*.
- CASTELLS, M. (2011). *The rise of the network society*. John Wiley & Sons.
- CHICHAVA, S., & POHLMANN, J. (2010). Uma breve análise da imprensa moçambicana. *Desafios Para Moçambique*, 127.
- CHOULIARAKI, L. (2006). The aestheticization of suffering on television. *Visual Communication*, 5(3), 261–285.
- ENTMAN, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58.
- FORQUILHA, S., & PEREIRA, J. (2020). Face ao conflito no norte, o que Moçambique pode aprender da sua própria Guerra Civil (1976–1992). *Uma Análise Das Dinâmicas Da Insurgência Em Cabo Delgado. Informação Sobre Desenvolvimento, Instituições e Análise Social. Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE). Maputo*, 4.
- FORTNER, R. S., & FACKLER, P. M. (2017). *World media ethics: Cases and commentary*. John Wiley & Sons.
- GALTUNG, J. (1998a). *Peace journalism: What, why, who, how, when, where? What are journalists for*. Taplow Court: Transcend.
- GALTUNG, J. (1998b). *Tras la violencia, 3R: reconstrucción, reconciliación, resolución*. Bakeas Bilbao, Spain.
- GERBNER, G., & GROSS, L. (2019). Living with Television: The Violence Profile (1976). In *Crime and Media* (pp. 419–441). Routledge.
- HOWARD, R. (2015). Conflict-Sensitive Journalism:(r) evolution in media peacebuilding. In *Communication and Peace* (pp. 62–75). Routledge.
- HOWARD, R., & ROLT, F. (2006). Radio talkshows for peacebuilding. *Search for Common Ground*, 2, 1–35.
- JÚNIOR, P., REBOUÇAS, F. G., MORAES, N. R. DE, BAPTAGLIN, L. A., & SANTI, V. J. (2020). *Media Effects: ensaios sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo-Agenda-Setting, Enquadramentos e Narrativas-Vol 6*.
- LEDERACH, J. P. (1997). Sustainable reconciliation in divided societies. *Washington, DC: USIP*.
- LYNCH, J., & MCGOLDRICK, A. (2013). Responses to peace journalism. *Journalism*, 14(8), 1041–1058.
- MCCOMBS, M. E., & SHAW, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36(2), 176–187.

MCGOLDRICK, A., & LYNCH, J. (2016). Audience responses to peace journalism: Merging results from a four-country research study. *Journalism Studies, 17*(5), 628–646.

NUNES, S. G., MORAES, N. R. DE, & SOUZA, F. DA C. (2020). *As Mídias digitais e a nova sociedade: um olhar sobre as interações humanas e as relações organizacionais*.

TILLY, C. (2010). Movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política, 3*, 133–160.

VIEIRA, T. R. de M. (2024). *Educação midiática e cidadania: do direito à informação à participação crítica do idoso na sociedade*.

WOLFSFELD, G. (2004). *Media and the Path to Peace*. Cambridge University Press.

WOLFSFELD, G. (2018). The role of the media in violent conflicts in the digital age: Israeli and Palestinian leaders' perceptions. *Media, War & Conflict, 11*(1), 107–124.

\*Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Educação e Comunicação de Nampula. Mestre em Sociologia do Trabalho e das Organizações pelo Instituto Superior Monitor, Maputo.

E-mail: [padrecantifula@gmail.com](mailto:padrecantifula@gmail.com).